

A MORTE NADA É PARA O SÁBIO, A POSIÇÃO EPICÚREA SEGUNDO A PERSPECTIVA ATOMISTA

Everton da Silva Rocha¹

RESUMO

Este texto pretende investigar o percurso necessário para a formação do conhecimento adequado da morte com base na análise da filosofia de Epicuro. A mortalidade humana só pode se tornar clara para o próprio homem através da filosofia. Epicuro elaborou seu pensamento de modo que ao investigar a natureza, o homem pudesse compreender os princípios de constituição de todas as coisas. Isso implica em refletir sobre os desdobramentos do conhecimento da geração e corrupção na vida humana, o mais inquietante deles é a morte. As opiniões vãs são consideradas as causas dos males, o conhecimento adequado da morte é um dos modos de purgação das perturbações que habitam as almas dos homens, desse modo a filosofia ao promover a sabedoria associa conhecimento à saúde.

Palavras-chave: Morte. Conhecimento. Natureza. Epicuro.

ABSTRACT

This paper intends to investigate the route required for the formation of adequate knowledge of death based on analysis of the philosophy of Epicurus. The human mortality can only become clear to the man himself through philosophy. Epicurus developed his thinking so that when investigating the nature, man could understand the principles of the constitution of all things. This raises issues about the consequences of knowledge generation and corruption in human life, the most disturbing of them is death. The vain opinions are considered the causes of evils, the proper knowledge of death is one way of purging the disturbances that the souls of men, thereby promoting the wisdom philosophy combines knowledge to health.

Keywords: Death. Knowledge. Nature. Epicurus.

INTRODUÇÃO

Os discursos em torno da morte constituíram um problema relevante para a filosofia grega antiga, o tema ocupou um lugar central dentro do pensamento de Epicuro, filósofo grego do período helenístico. Apesar de nossa atenção estar focada na filosofia desenvolvida por esse atomista e sua escola há mais de dois mil anos atrás, ainda é possível perceber a atualidade de sua reflexão em torno do fim da vida. É fato

¹ Graduado em Psicologia pela UFRN (2000), mestre em filosofia pela UFRN (2006) e Doutor em filosofia pelo programa integrado UFRN– UFPE–UFPB (2011). Professor de Filosofia e Ética do UNIRN. E- mail: heyshura@hotmail.com

que existe uma relação muito estreita entre a compreensão de nossa mortalidade e nosso entendimento sobre a natureza das coisas. No pensamento de Epicuro encontramos essa relação presente e desenvolvida dentro dos limites da experiência humana, como sabedoria prática. Isso significa pensar sua filosofia como um processo de conhecimento com efeitos terapêuticos, um remédio para almas doentes, afetadas por ideias e práticas bastante disseminadas por religiosos e políticos. Filosofar constantemente e cultivar a memória constituíram hábitos necessários para viver uma vida simples e natural segundo o epicurismo.

2. A MORTE COMO PROBLEMA FILOSÓFICO NO PENSAMENTO DE EPICURO

A “carta a Meneceu”² tornou-se ao longo do tempo a principal fonte de acesso aos aspectos éticos do pensamento epicúreo, produzindo significações necessárias para aqueles que pretenderam fundamentar as bases filosóficas da serenidade do sábio sob a perspectiva da *physiologia*, expressão grega que designa o estudo da natureza. Epicuro, em certo trecho dessa epístola, exorta seu amigo a habituar-se ao principal desdobramento da tese da materialidade da alma: a morte nada é para nós. Cito-o:

Acostuma-te a crer que a morte nada é para nós. Efetivamente, todos os bens e males estão na sensação, e a morte é a privação das sensações. Logo o conhecimento correto de que a morte nada é para nós torna fluível a mortalidade da vida, não por atribuir a esta uma duração ilimitada, mas por eliminar o desejo de imortalidade. (DIÔGENES LAËRTIOS, 1980, X, 124)

Na primeira sentença dessa citação encontramos duas palavras gregas *sunéthizo* e *nomizo*, que podem ser traduzidas respectivamente por “habituar a” e “submeter ao costume” ou “ter por”. E indicam a transformação que se opera sobre a alma a partir do estudo da natureza, com destaque para os aspectos concernentes a constituição da própria alma, que assim como todas as coisas seria formada de átomos e vazio. No caminho da sabedoria é preciso habituar-se aos desdobramentos do conhecimento adequado dos processos de geração e corrupção, e assim afastar-se progressivamente dos efeitos das opiniões vazias em torno da morte. Epicuro denominou *kenon doxai* as opiniões que não se sustentam mediante o exame da natureza, passando a serem consideradas vazias.

² Junto com a carta a Pítocles, a carta a Heródoto e as máximas principais formam o décimo livro da obra de Diôgenes Laértios.

Ao aceitar que todas as coisas estão sujeitas aos princípios atomistas abrimos mão da possibilidade de transpor o limiar do experienciável, para além da vida há o nada, conforme concluí a segunda *Máxima Principal*, “pois o que se decompõe é insensível e o que é insensível nada é para nós” (DIÓGENES LAËRTIOS, 1980, X, 139). Jamais teremos o menor contato com o não-ser, não é possível tocar o nada. Isso se justifica plenamente se tomamos como fundamento o sensualismo epicúreo, após a morte os átomos que estruturavam tanto o corpo quanto a alma dispersam-se gradativamente de modo que os mais sutis e leves dissolvem-se do composto primeiro e os mais pesados seguem o mesmo processo de corrupção do agregado.

A segunda máxima capital pode ajudar a construir um dos possíveis sentidos para a frase “a morte nada é para nós”, nela se ressalta a morte como limite da capacidade do corpo de manter-se em equilíbrio, a decomposição é a consequência direta da cessação das funções da alma. Se não há sensibilidade, todos os fenômenos da decomposição do corpo podem no máximo ser imaginados, ou experienciados como morte do outro. O sábio recorre assim ao argumento segundo o qual a crença na morte envolve uma projeção imaginária do vivente sobre o que seria seu próprio corpo morto. A morte em si não pode ser caracterizada como objeto algum, mas remete ao vazio, portanto impossível de ser apreendida por meio do pensamento, que jamais encontrará confirmação. É insensato, portanto acreditar e sofrer com a idéia de se tornar um cadáver. A análise de Epicuro pretende ir além da construção de uma hipótese razoável que explique o morrer e a morte, seu interesse é aplacar o medo e lutar contra o que considerou opiniões precariamente alimentadas pela ignorância.

3. AS CONDIÇÕES IMEDIATAS DA FELICIDADE

Conche (1977, 43), um estudioso contemporâneo do epicurismo, achou conveniente, após examinar minuciosamente a carta a Meneceu, apontar o que seriam “as condições imediatas da felicidade”. Ele as destaca como negativas e nisto consiste a agudez de sua análise, não é coincidência que sejam idênticas aquelas que compõem o *tetraphármakon* da alma. Esse caráter negativo, apontado por Conche, forneceu todos os elementos necessários para validar o que chamamos de processo de desconstrução dos desejos e opiniões vazias, com base nos fundamentos propostos por Epicuro para cura da alma doente. Aqui esses raciocínios contidos no *tetraphármakon* são

reapresentados com ênfase dada a sua importância para a superação das opiniões vazias em torno da morte.

Primeira condição (negativa) da felicidade: rejeitar as opiniões falsas sobre os deuses, ausência de crença nos deuses. Essa primeira condição comporta uma ruptura com a religião popular, já que esta costuma trazer a crença que os deuses são os responsáveis pela nossa felicidade ou desgraça, devemos agradá-los para obter suas graças, ansiedade constante diante do que se deve esperar da intervenção divina. De acordo com Epicuro nisso consiste a verdadeira impiedade, já que é fundamentada numa equivocada opinião a cerca dos deuses. Atacando a religião astral, Epicuro busca dissipar os medos e fantasias que florescem no imaginário sobre a morte, *Hades* e o destino. Segunda condição (negativa) sobre a morte: rejeitar as opiniões falsas sobre a morte, acostumando-se a ausência de crença na morte. Purificar a alegria de viver de qualquer crença na morte é condição fundamental para o bem. Certamente a crença tem aspectos negativos que se mostram principalmente nos seus efeitos. Epicuro parece dialogar constantemente com a sociedade de seu tempo e suas crenças. A terceira condição negativa incide sobre a regulação dos desejos, por meio da vida prudente, e no que é relativo às opiniões sobre a morte deve operar um corte, mais especificamente sobre o desejo de imortalidade. A quarta condição negativa se expressa plenamente na compreensão que toda dor pode ser suportada, e não há porque temer aquelas que prenunciam a morte, já que muitas vezes o temor à dor se confunde com o temor à morte. Essas quatro condições para a felicidade resumem a posição do sábio diante dos pontos primordiais para construir a compreensão que a morte é nada para o filósofo. A desconstrução, enquanto processo, opera sobre os discursos e desejos que se acumularam no espírito do homem ao longo de sua vida em sociedade.

4. SE VOCÊ TEME A MORTE, TEME UMA PALAVRA

A certeza, no que concerne à morte, demonstra com clareza que os epicuristas não negavam o fim da vida, pelo contrário procuravam entender a diversidade dos processos da vida e conseqüentemente seu fim. O único caminho possível para o sábio é investigar a natureza da morte, a própria condição do organismo humano como um equilíbrio transitório aponta para o fim como inexorável, e acima de tudo a compreensão de sua naturalidade. Não há porque lutar contra algo que não se pode vencer, tal empreitada é completamente desnecessária. Tal vontade tende a se sustentar

em um desejo vazio que claramente é antinatural e vão. Daí a importância da Sentença Vaticana a seguir: “Podemos defendermo-nos de muitas coisas, mas, no que respeita à morte, todos os homens vivem numa cidade sem muralhas.” (EPICURO, 2009, 134).

Para alguns a pobreza e o desprezo são condições baixas que findam por aumentar a exposição. É naturalmente ilusório cercar-se de medidas de segurança contra morte, pois em relação a ela os homens estão como uma cidade sem muralhas. A riqueza e a glória podem aumentar tal exposição no lugar de diminuí-la. Afastar-se da multidão é mais seguro.

Levando em consideração nosso trajeto até aqui qual seria a melhor definição em torno da concepção epicúrea da morte? Santayana (1947, 51) acredita que a compreensão mais adequada e em conformidade com pensamento de Epicuro aponta a crença na morte como uma mera construção lingüística, pois segundo ele “Morte é definida por um estado que exclui a experiência. Se você a teme, você teme uma palavra.” Na discussão em torno da morte surgiram dois pontos que remetem a essas significações: a morte como estado daquilo que não vive mais e a confusão entre a dor que pode anteceder a morte. A primeira delas é vazia por estar além de nossa experiência, enquanto a outra faz parte da vida e por isso não possui relação com a morte.

Alguns autores como Cícero, consideraram insuficiente o elemento cultural presente no temor da morte como explicação para a atenção dada por Epicuro ao problema da morte, insinuando se não haveria nessa postura um componente pessoal, próprio da personalidade de Epicuro. Segundo Cícero (1980, I, 31, 86), seria sintomática a negação epicúrea da morte e dos deuses, a atenção dada ao tema revelaria no fundo um grande terror, que as pessoas de maneira geral só sentiriam em certa medida, mas que atormentava a Epicuro ao ponto deste considerar que todos se encontravam assolados pelo mesmo pavor. A análise psicológica de Cícero pode ter sido contaminada pelos receios e posições do próprio romano, de acordo com Guyau, Cícero teria pintado um retrato demasiado severo de um filósofo e de uma doutrina que acreditava serem temíveis demais para os interesses, crenças e costumes da república romana. Sinal do poder de desconstrução do pensamento epicúreo.

Konstan (1973) propõe que tanto Lucrécio quanto Epicuro viveram em períodos de constantes conflitos e guerras, sendo aceitável, crer que entraram em contato diversas vezes com a violência daqueles tempos. Dessa experiência concluíram que o medo da

morte seria o principal motor da agressividade e da ambição que alimentou esses extremos.

Se a finitude representa a dissolução de todos os compostos, ao aplicar-se ao homem ganha o estatuto de morte. A morte para o homem ultrapassa a mera desagregação do que o compõe, pois carrega consigo elementos que o homem habituou-se a perceber sob o prisma da dimensão trágica e terrível do fim, do completo aniquilamento de nossa humanidade. Apesar disso o sábio não precisa inquietar-se, pois conhecendo a natureza da morte sabe que estar morto significa estar completamente fora da experiência humana, já que todo bem e todo mal encontram-se na sensação, essa é uma característica da vida sendo a morte a ausência total de sensações. A idéia de morte existe para nós como produto da antecipação provocada pela morte de outros corpos, entretanto torna-se impossível aplicar o critério da confirmação em relação à própria morte. Ou seja, a morte nada é para nós.

5. A MORTE NADA É PARA O SÁBIO

A morte, como vimos, é repleta de significações para a vida dos homens comuns, todavia nada para o sábio, pois ele passou pelo processo de conhecimento da natureza do nascimento e da morte, processo esse difícil e que se ampara no desejo de realizar-se plena e naturalmente. A *physiologia* partiu de suas bases, átomos e vazio, e trouxe para o sábio a concepção de um universo em pulsação (BOLLACK & WISMANN, 1971)³ com os átomos vibrando e tecendo a constituição dos corpos. Tudo que tem existência deve suas características às interações entre os átomos, formando conjuntos, agregados que vão aumentando complexamente até configurar a vida, sistemas organizados que basicamente tem em si o princípio de movimento, a capacidade de reprodução garante a geração de outros compostos vivos semelhantes. O homem possui todos esses atributos, é composto de corpo e alma, formam uma unidade, contudo tem constituições atômicas diferentes. Todo o mundo dos fenômenos encontra-se evidentemente em movimento contínuo que nos chega por meio dos choques recebidos por nossa sensibilidade, organizados e elaborados em nossa alma. Muitos desses choques são discursos aos quais estamos submetidos aos efeitos pelo simples fato de vivermos em sociedade. Por isso o sábio desconstruiu suas opiniões fantasiosas sobre os deuses e a morte. Entretanto para as outras pessoas esses elementos assumem

³ Com base em *pulsation*, tradução francesa de Bollack da palavra grega *palmos*.

as mais diversas manifestações, todas elas consideradas patológicas segundo o critério de distanciamento da natureza.

A sabedoria como um processo não se mostra redutível a uma simples variação de um conceito ou idéia, como se uma mudança de compreensão dos termos mortalidade/imortalidade fossem suficientes. O sábio epicúreo está além, seu conhecimento não se perde nas ilusões das palavras, seu sentido está ancorado nas referências naturais, portanto faz parte de sua própria experiência. A unidade do todo é a base ontológica da visão unitária do sábio e de sua continuidade empírica. Isto significa que o pensamento epicúreo produziu um eixo central em torno do qual giram discurso e vivência concreta segundo o modo natural. A analogia com a medicina deixa claro o papel terapêutico da filosofia de Epicuro, enfatizando o bem-estar proporcionado pelo prazer e pela tranqüilidade da alma, realização plena da saúde do sábio. A vida é desfrutada com moderação e sabor, sem fantasmas de deuses, da dor ou da morte. Todavia reduzir seu pensamento a esses aspectos seria um erro grosseiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia de Epicuro produz desdobramentos em todos os modos de relação do homem. Vimos que a relação do sábio com a sociedade sofre transformações sérias, passando pelo desligamento das religiões e crenças, com claro desprezo pelos mitos. Os negócios públicos e a política são abandonados em função do contrato e da amizade. As comunidades epicuristas atestam a construção de um novo espaço: o jardim. Suas portas estavam abertas a todos, escravos, mulheres, estrangeiros, etc. Reflexo da investigação da natureza, perspectiva que cedo reconheceu as condições as quais todos os seres humanos estão submetidos, pouco sujeita aos preconceitos sociais e interesses políticos. O caminho proposto por Epicuro pode ser entendido como um voltar-se para natureza, sendo assim promoveu um choque violento com muitos discursos em sua sociedade à medida que confronta concepções religiosas e cosmológicas amplamente difundidas e aceitas.

Epicuro morreu em decorrência de graves problemas renais como atesta Diôgenes Laértios (X, 23). Em meio a dores lancinantes não se desesperou, pelo contrário reconheceu o limite da dor em seus últimos momentos e lutou para conservar a serenidade da alma e buscar nela recordações de momentos alegres. Não se trata aqui de uma negação da dor, mas de um ato de resistência ao impedir que esta interfira em sua

condição mais íntima e da qual no fim ele mostrou ser senhor, completamente de acordo com aquilo que sustentou filosoficamente durante a vida.

REFERÊNCIAS

BOLLACK, J. & WISMANN, H. *La lettre d'Épicure*. Paris: Les Editions de Minuit, 1971.

CÍCERO. *De natura deorum*. In: Epicuro, Lucrecio, Sêneca, Cícero e Marco Aurélio. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

CONCHE, M. *Epicure: lettres et maximes*. Paris: éd. De Megare, 1977.

EPICURO. Cartas, Máximas e Sentenças. Trad. Gabriela Baião. Lisboa: Edições Sílabo, 2009

KONSTAN, D. *Some aspects of Epicurean psychology*. Leiden, 1973.

DIÔGENES LAËRTIOS. *Vida e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mario da Gama Kury. Brasília, UNB, 2008.

SANTAYANA, G. *Three philosophical poets*. Cambridge: Harvard University Press, 1947. p 51.